



O camponês

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

INTENSIFIQUEMOS A LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Só uma verdadeira REFORMA AGRÁRIA levada a cabo por um governo democrático permitirá acabar com as graves crises de trabalho que sofrem os operários agrícolas.

Entretanto, para diminuir a gravidade das crises, para diminuir a miséria e fome, os operários agrícolas são obrigados a lutar firmemente contra o desemprego.

Dêste modo, aliás, estão mostrando a evidência a necessidade e o desejo profundo duma Reforma Agrária e esta alcançar-se-á quando essas lutas se multiplicarem e engrandecerem, quando o nosso povo, treinado e esclarecido pelas suas constantes lutas, levar de vencida o regime fascista e criar um regime democrático.

Este ano, entre as ceifas e a azeitona, foram abertos mais trabalhos que no ano passado. Isso deve-se somente à luta dos operários agrícolas e, em particular, à luta que se travou em Baleizão onde, através da resistência dos trabalhadores à repressão, os fascistas puderam medir um pouco o desespero dos que só têm a fome nos seus lares.

Outras lutas e vitórias noticiamos hoje mas daqui não se pode concluir que o desemprego desapareceu ou não vai aumentar.

Onde não se lutou com energia, muitos e muitos trabalhadores têm os braços parados. Mesmo em terras onde se lutou, muitos jovens e mulheres não conseguiram trabalho, e muitos trabalhadores não sócios das Casas do Povo tiveram maiores dificuldades em empregar-se. Além disso um novo período de maior crise, depois da «azeitona», está já a surgir.

Daqui se conclue que é preciso intensificar a luta contra o desemprego. Temos de unir e cada vez mais unir todos os operários agrícolas, homens, mulheres e jovens,

sócios ou não das Casas do Povo. Temos de criar largas Comissões que, bem ligadas às massas, orientem a luta. Temos de não esperar pelo desemprego de todos mas lutar logo que o desemprego atinja alguns. Temos de não consentir demoras no arranjar do trabalho porque a fome também não espera.

No Redondo 250 trabalhadores concentraram-se duas vezes na Casa do Povo reclamando trabalho. O fizeram duas exposições ao governador civil dizendo que se não fôsse arranjado trabalho teriam de ir buscar o pão onde o houvesse. Metade dos desempregados foi logo distribuída por várias estradas e dias depois foi o resto.

Em **Benavila**, alguns trabalhadores foram ao Presidente da Câmara de Aviz protestar contra o pagamento do imposto de trabalho tanto mais que não o tinham. Ao fim de dois dias todos os desempregados tinham trabalho.

Em **Serpa**, alguns trabalhadores foram reclamar trabalho à Casa do Povo e depois ao vice-presidente da Câmara. Passados 3 dias voltaram novamente e com a sua insistência arranjaram trabalho para a estrada e para uma mina.

Em **Aldeia Nova**, chegaram a ir 100 trabalhadores à Casa do Povo reclamar trabalho e só assim a hidráulica abriu trabalhos de alargamento de barrancos.

Em **Montemor-o-Novo** alguns trabalhadores foram ao Presidente da Câmara reclamar trabalho. Este disse-lhes para irem à Casa do Povo tendo aqui dado o nome para serem distribuídos.

Em **Estremoz**, mais de 120 trabalhadores concentraram-se na Casa do Povo reclamando trabalho e dizendo que não arredariam pé enquanto não o conseguissem. Estiveram lá das 14 até às 19 horas, hora a que o Presidente da Câmara, que primeiro dizia não estar, decidiu distribuir os desempregados por vários trabalhos.

OS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE

têm de defender os seus interesses

De alguns anos para cá tem-se falado muito na necessidade de melhorar o leite. Mas as medidas tomadas, longe de defenderem o consumidor pois o leite continua na mesma e até piora de qualidade, apenas têm servido para roubar e prejudicar os pequenos produtores em benefício dos grandes.

Nos arredores de Lisboa os pequenos produtores têm protestado várias vezes contra o não pagamento do leite que são obrigados a entregar às cooperativas. Recentemente 17 pequenos produtores foram à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira protestar contra mais um roubo. Dantes produziam e vendiam o seu leite à vontade. Agora têm de o entregar à cooperativa que lhes paga entre 1520 e

2500 por litro. Depois para o venderem ao consumidor têm de o comprar à cooperativa a 2560(!)

Em outros lados as cooperativas procuram obrigar os pequenos produtores a fazer instalações especiais para a produção do leite o que, por falta de meios e de auxílio financeiro, os leva a desistirem da produção vendendo as poucas vacas que possuem.

Estes exemplos mostram que os pequenos produtores de leite têm de se unir como alguns o têm feito. Unidos, terão força para correr com os grandes produtores da Direcção das Cooperativas, para ir por cima nestas os seus pontos de vista e aí defenderem os justos interesses da grande massa dos produtores — pequenos e médios.

Por melhores jornas nas mondas

No ano passado, em muitas terras, as operárias agrícolas souberam unir-se e lutar por melhores jornas nas mondas. A miserável jorna de 8\$00, que os grandes agrários querem impôr, foi banida em muitos lados e foram conquistados 12, 14, 16 e até 18\$00 para as mulheres. Estas conquistas mostraram que se nos unirmos e combinarmos umas com as outras a jorna que devemos pedir, se nos unirmos bem e nos firmarmos nessa jorna, ela conquista-se, porque os agrários precisam do nosso trabalho. Este ano, em algumas terras, onde a jorna de 8\$00 é usual, as nossas companheiras falaram em conquistar 12\$00, em outras terras pensa-se em conquistar 14\$00 e em outras mesmo mais. Em frente pela conquista de melhores jornas! Que ninguém trabalhe por 8 ou 9\$00!

Os homens precisam também de se unir para não serem explorados com jornas de fome de 16 e 17\$00. Que todos eles se unam e lutem pela jorna mínima de 20\$00!

V FESTIVAL MUNDIAL da juventude

Em Agosto realizou-se em Varsóvia o V Festival Mundial da Juventude, que constituiu mais uma bela jornada de confraternização e unidade dos jovens de todo o mundo.

Uma delegação portuguesa com 19 jovens (do MUD Juvenil, da Juventude Católica, etc.) representou nesse Festival a vontade e o desejo dos jovens portugueses de AMISADE e de PAZ.

Uma jovem desfilou vestida com um traje de ceifeira oferecido pelas jovens camponesas do Alto Alentejo. O nome de Catarina Eufémea foi muito divulgado tendo o seu retrato e biografia sido publicados em várias revistas estrangeiras. Várias prendas enviadas pelos jovens camponeses foram oferecidas aos jovens de outros países.

Este grande Festival, que em 1957 se fará em Moscovo, serviu também para no nosso país se realizarem muitas reuniões para a preparação da participação portuguesa e para a divulgação de seu êxito.

Jovens camponeses — Confraternizai e uni-vos porque o conhecimento mútuo entre os jovens de todas as classes e à sua unidade é que melhor vos permitirão defender os vossos anseios de MELHOR VIDA, PROGRESSO, PAZ e LIBERDADE!

LUTEMOS CONTRA AS JORNAS DE FOME NA PRÓXIMA CAMPANHA DO ARROZ

Aproximam-se os primeiros trabalhos do arroz, trabalhos que pela sua violência e condições em que são feitos, em higiene e com jornas de fome, em poucos anos arruinam os trabalhadores que os fazem, atacados de sezões, reumatismos e tuberculose.

Entretanto os grandes agrários arrancam centenas de contos de lucros. 25 hectares de terreno cultivado de arroz dão, pelo menos, 150 contos de lucro.

Operários Agrícolas! Homens e Mulheres! Se nos soubermos unir como um só homem, como uma só mulher, os agrários serão obrigados a pagar jornas mais elevadas. Para isso basta que, desde já, nas vilas, aldeias, montes, praças de jorna, tabernas e locais de trabalho, façamos reuniões e discutamos as jornas a pedir.

Depois da jorna combinada, sempre unidos e firmes, recusemo-nos a ir trabalhar por menos.

Os ranchos que se deslocam para fora das suas terras, deverão exigir bons alojamentos e condições higiénicas. Se nessas terras

as jornas forem mais elevadas, devemos exigir que nos sejam pagas jornas iguais. Caso não sejamos atendidos recosmo-nos a trabalhar ou trabalhemos devagar.

Lembrêmo-nos que os trabalhos têm a sua época e que os gananciosos agrários terão de os mandar fazer. Por isso eles serão obrigados a dar mais jorna se nos recusarmos a ir por menos.

Sempre unidos e firmes conquistaremos jornas mais elevadas!

MAIS UM CRIME

Em 30 de Outubro, o agricultor **António Pinheiro de Almeida**, de Lixa, foi ferido e preso pela GNR de Felgueiras sem qualquer razão. No dia seguinte morria em consequência dos ferimentos.

Este bárbaro crime provocou repulsa em todo o povo de Lixa que acompanhou em massa o corpo de mais esta vítima dos métodos repressivos fascistas.

Exijamos o castigo dos assassinos e dos que os animam e incitam a tratar o povo à pancada e a tiro — os governantes fascistas.

DE UM SEAREIRO

DE UM OPERÁRIO AGRÍCOLA

Na minha aldeia a maior parte dos habitantes são pequenos seareiros.

Nós aqui fazemos searas nas herdades dos grandes agrários. Mas hoje estão a exigir condições que de forma alguma se pode viver, porque são terras que não pagam tais condições, por serem muito embargosas e de ruim qualidade.

Aquí há uns anos não se pagava nada, diziam que era pela limpeza das terras e hoje paga-se a quinta e a quarta parte, e esta posta na eira.

O ano de 1954 foi um ano bom mas não chegou para pagar os atrasos. Em virtude de tudo isto o governo aumentou-nos 11\$00 por cada saca de 100 kg. de adubo de superfosfato 18%.

Este ano aquí a média da searas foi de três e quatro sementes. Todo o equipamento necessário à lavoura está em preços desordenados, isto é, ferragens, adubos, alfais agrícolas, rações de gado, etc., etc.. Tudo dá origem a continua falência dos pequenos e médios seareiros, que estão a caminho do proletariado.

Nota da Redacção — Esta carta que nos foi enviada dá uma ideia das tremendas dificuldades que os pequenos seareiros passam. Tais dificuldades só se poderão vencer se em cada região eles discutirem os seus problemas, se unirem e defenderem, unidos, os seus interesses.

Os agrários da freguesia de Montoito têm um horário de trabalho escravo que faz uma vida negra aos operários agrícolas. Agora nas sementeiras às 5 horas da manhã já temos que andar a lavar e só despedando às 6 horas da noite. Para descansar e comer só uma hora, isto é, para jantar porque o almoço já vai no estômago quando começam a trabalhar, ganhando a ridícula de 18\$00, fazendo 12 horas de trabalho e depois percorrendo uma hora de caminho até às suas residências. Por isso se têm que levantar às 4 da madrugada e só recolhendo às 7 da noite.

Os agrários, estes quando chegam ao trabalho, começam a dar pancada nos animais para não da-

rem nos trabalhadores, os animais começam a correr, os trabalhadores não aguentam porque estão cheios de fome e alguns, tuberculosos, têm de desistir.

Como os operários agrícolas desta região vivem, numas cabanas de colmo, não têm um jornal, não possuem uma telefonia, vivem na maior das ignorâncias, são analfabetos, vivendo desligados do mundo!

Nota da Redacção — Além da fome e do horário destes trabalhadores é desumano. Esse horário e essa fome, além de permitirem uma maior exploração dos trabalhadores impõem a estes uma vida de escravidão que impede o seu desenvolvimento. Estes dois objectivos interessam aos grandes agrários. Por isso a luta por melhores jornadas e a luta por horários de trabalho que permitam um justo descanso e tempo para todas as outras necessidades do homem civilizado, ligam-se entre si. Só a unidade dos operários agrícolas à volta destas justas reivindicações levará à sua conquista.

Comemorando as datas do povo

O dia 5 de Outubro representa um passo no Progresso e na Liberdade do nosso país e do povo. Por isso, quer deitando foguetes quer fazendo reuniões onde se falou no significado da data e na importância da unidade de todos os democratas, os camponeses comemoraram o 5 de Outubro em Pias, Vale de Vargo, Baleirão, Quintos, Montemor-o-Novo, etc..

No dia 1 de Dezembro comemora-se a reconquista da Independência Nacional da nossa querida Pátria. Hoje, quando os salazaris-

tas vendem a nossa Independência aos americanos, mais razão temos para comemorar tal data e unir todos os patriotas. Por isso em Benavila, Aviz, Ervedal, Estremoz, S. Cristóvão, etc., foram lançados foguetes ou foram distribuídos documentos para esclarecer o povo.

O dia 31 de Janeiro é a data da malograda 1ª revolução republicana que queria derrubar o regime de então, regime de podridão e de subserviência aos imperialistas estrangeiros. Hoje, em que a situação portuguesa tem tantas semelhanças, todos devemos comemorar o próximo dia 31 de Janeiro fazendo reuniões que unam todos os patriotas e democratas, levando os eleitores a inscreverem-se no recenseamento que está aberto até 15 de Março, recolhendo abundantemente milhares e milhares de assinaturas para uma ampla amnistia para todos os presos e perseguidos por questões políticas, unindo e actuando para a conquista das Liberdades Democráticas, da Independência Nacional e da Paz.

Começam-nos a chegar algumas cartas enviadas pelos nossos leitores. Pedimos que nos escrevam mais e narrem os vossos problemas e o que pensam para os resolver.

Igualmente continuamos a apelar para que todos os nossos leitores nos auxiliem financeiramente quer pagando o nosso jornal, quer contribuindo para as listas de auxílio de «O CAMPONÊS», quer por meio de qualquer outras iniciativa.

Só recebendo o auxílio dos camponeses o nosso jornal os poderá ajudar.

Últimas quantias recebidas:

Lista nº 3	11\$00	Lista nº 151	10\$00
5	22\$00	358	7\$00
8	15\$00	587	22\$00
36	4\$50	?	18\$30
41	27\$50		
Total ...		137\$80	

LUTAS NA AZEITONA

Este ano, apesar de ser ano de safra, a azeitona foi muito pouca. O vento deitou muita abaixo. Por isso muitos trabalhadores não varreram ou apanharam azeitona.

Apesar disso a luta contra as jornadas de fome não parou.

Assim no **Escurreal** um rancho de 18 mulheres a quem o agrário pagava 8\$00 de jorna pediu e conquistou 9\$00.

Em **Aviz** um rancho de 15 mulheres que trabalhava de empreitada ganhando 28\$00 pelos cem litros, disse ao agrário que antes queria trabalhar de jorna a 15\$00. O agrário não quis mas dada a firmeza das mulheres aumentou a empreitada para 30\$00.

Em **Montemor-o-Novo** um rancho de mulheres que ganhava 12\$00 resolveu pedir 14\$00 recusando-se a trabalhar por menos. Em vista disso o patrão cedeu. Um outro proprietário mandou falar a 10 mulheres a 12\$00 mas estas reclamaram 14\$00, o que conseguiram. Os homens ganharam 20\$00 quando no ano passado só conseguiram 18\$00.

Coversar... para esclarecer

Ouve lá, António, tu vais explicar-me o que é isso das classes no campo. Já tenho ouvido falar mas não percebo.

Está bem, Zé, vou-te dizer o que sei e que é bom todos sabermos.

No campo existem várias camadas sociais ou classes que diferem entre si pelas suas condições económicas.

Em primeiro lugar há os **operários agrícolas ou camponeses assalariados**, ou trabalhadores rurais, como também se diz. Eles não possuem nenhuma parcela de terra e, para se puderem sustentar, têm que alugar a força do seu trabalho aos que possuem ou alugam terras. Uns ganham a jorna (jornaleiros), outros são contratados por um mês, por um ano, para uma empreitada, etc.

Em segundo lugar há os **camponeses pobres ou pequenos**. Estes possuem ou alugam um pequeno pedaço de terra onde trabalham e que não dá se não para o seu sustento. Não exploram portanto nenhum operário agrícola. Nesta categoria incluem-se aqueles que possuem tão pouca terra que do seu trabalho não arrançam o suficiente para viver pelo que em certos períodos, ou regularmente, têm de recorrer ao alugar da sua força de trabalho.

Em terceiro lugar vêm os **cam-**

poneses remediados ou médios. Possuem ou alugam parcelas de terra pouco consideráveis que trabalham mas, pelo menos em algumas épocas do ano necessitam de meter alguns, sempre poucos, operários agrícolas.

Em quarto lugar estão os **camponeses ricos.** Estes também trabalham a terra que possuem ou alugam mas em virtude da extensão dessa terra exploram sempre bastantes operários agrícolas.

Devemos ainda considerar em último lugar os **grandes agrários ou latifundiários**, que não participam no trabalho físico da grande extensão de terras que possuem. Quer directamente, quer por intermédio de rendeiros, vivem explorando os operários agrícolas que trabalham a terra e também os pequenos e mesmo médios camponeses que a alugam.

É claro que estes últimos «señhores» não pertencem ao campesinato, vivem muitas vezes bem longe das suas extensas terras (e por isso se lhes chamam absentistas), constituem uma classe parasita da sociedade. Mas são eles que estão por detrás do governo de Salazar, que por isso está contra os camponeses assalariados, os pequenos e médios camponeses e mesmo contra camponeses ricos.

MAIS LUTAS - MAIS VITÓRIAS

Uma pedreira do concelho de **Serpa**, o patrão não pagou aos trabalhadores no dia 22 de Outubro mas prometeu fazê-lo na 2ª feira, 24. Neste dia, porém, não apareceu e então os trabalhadores, todos unidos e firmes, decidiram parar o trabalho a partir das 9 horas. No dia seguinte a greve junto do local de trabalho continuou até que à tarde o patrão, avisado, veio pagar o que devia.

Perto de **Alcácer do Sal**, durante a ceifa do arroz, um grupo de 8 homens destacados em certo dia para o trabalho da debulhadora, reclamou a jorna de 20\$00 nesse trabalho. A sua unidade e firmeza deu-lhe a vitória e daí por diante todos os ceifeiros, que ganhavam 18\$00, passaram a ganhar 20\$00 na debulhadora.

Perto da **Torre da Godanha**, alguns trabalhadores foram ganhar 18\$00 numa pequena barragem. Uniram-se e pediram 22\$00 de jorna. Primeiro conquistaram 20\$00 mas insistindo alcançaram o que queriam.

Em **Montemor-o-Novo** era tradição os moedores de azeitona irem levar o azeite a casa dos fregueses recebendo \$30 por cada deca. Como há 2 anos os fregueses passassem a ir buscar o azeite ao lugar os moedores nada recebiam. Este ano uniram-se para reconquistar o que tinham perdido e devido à sua combatividade voltaram a receber os \$30 por cada deca de azeite quer o levem ou não aos fregueses.

Nesta mesma terra 10 trabalhadores que pesavam cortiça protestaram contra o facto de os terem mandado parar em virtude de desavença entre o vendedor e o comprador da cortiça. Dada a sua unidade e firmeza os 10 trabalhadores conquistaram o pagamento de 3 quartos em que estiveram parados.

Em **S. Cristóvão** 13 trabalhadores que andavam na sementeira lutaram unidos contra o roubo de uma hora que tinham trabalhado num meio-dia em que chovera. Assim conseguiram o que lhes era devido.

A Companhia das **Létrizas (Vila Franca de Xira)** quis impor aos tratatistas 10 horas de trabalho por dia pagando o mesmo que pelas 8 horas. Os tratatistas protestaram e a Companhia, para os atemorizar, chegou a despedir um. Ante a continuação dos protestos, o horário das 8 horas voltou, porém, a vigorar.

Em **Santiago do Cacém**, um feitor para tentar quebrar o regime das 8 horas de trabalho quis persistir nesta região, impôs a um rancho de 20 mulheres o trabalho de sol a sol (em Outubro). Algumas operárias abandonaram, por isso, o trabalho.

Em **Benavila** 5 homens dum rancho que ganhava 17\$00 foram chamados para adubar a terra e o agrário só queria dar mais 1\$00. Os trabalhadores reclamaram e conquistaram os 19\$00.

Em **Aviz** nove trabalhadores que faziam uma empreitada numa pedreira, reclamaram do capataz que a pólvora fosse paga por ele pois,

de contrário, não conseguiram arrancar 30\$00 por dia. O capataz cedeu mas depois propôs que passassem à jorna a 18\$00. Os trabalhadores exigiram 30\$00 e como não fossem atendidos decidiram não trabalhar mas insistiram pelo pagamento dessa jorna e passados dias conquistaram-na embora o horário de trabalho fosse de 10 horas.

Perto do **Maranhão** um rancho de 15 homens foi trabalhar para uma estrada pela jorna de 24\$00. Como chegando ao sábado só lhes tivessem pago a 22\$00, todo o rancho abandonou o trabalho.

50 trabalhadores de **Pias** que limpavam barrancos reclamaram a deslarga às 17 horas. Como não lhe a quizessem dar decidiram todos abandonar o trabalho a essa hora e assim impuseram o que pretendiam.

Um rancho de 50 homens da mesma terra abandonou um trabalho porque não lhes pagavam. Ao fim de 3 dias conseguiram o pagamento.

Perto ainda desta terra 5 homens dum rancho, que tinha mais 10 mulheres, recusaram-se a varrejar bolota por o patrão querer baixar a jorna de 18 para 16\$00. No dia seguinte as mulheres, vendo que os seus companheiros de trabalho não vinham, abandonaram também o trabalho.

Estas lutas devem animar todos os operários agrícolas a unirem-se para defenderem os seus direitos. Interessa porém apontar que só se deve abandonar o trabalho quando estão esgotadas todas as possibilidades de conseguir o que defendemos. Se os patrões não nos pagam o que devem temos de lhes exigir o pagamento, se nos baixam a jorna temos de exigir com insistência o que ganhávamos, se queremos melhor jorna temos de insistir mais e mais por ela, etc.. Se assim fizermos, se a nossa luta unida for firme e persistente, as nossas vitórias serão mais completas e portanto os nossos direitos serão melhor defendidos.

Alvaro Cunhal

O dia 10 de Novembro, data do nascimento do grande dirigente popular **Alvaro Cunhal** foi assinalado em várias terras por meio de foguetes. Numa terra dezenas de camponeses reuniram-se para comemorar esse dia, e de muitos lados os camponeses enviaram muitas dezenas de cartas e postais desejando saúde e liberdade ao seu querido amigo.

No próximo dia 24 de Janeiro **Alvaro Cunhal termina a injusta e ilegal pena a que foi condenado. Mas a sua liberdade só se conseguirá se todos nos unirmos e lutarmos para o arrancar da prisão!**

